

OS SAPATINHOS VERMELHOS: DA MORAL DE CHRISTIAN ANDERSEN AO FETICHISMO DE CAIO FERNANDO ABREU

Rodolfo Luiz Brito Torres
Departamento de Letras – UFRN

RESUMO

Um dos elementos recorrentes na literatura moderna é a apropriação dos contos de fadas – suas temáticas, personagens – e sua desconstrução. Nesse contexto o escritor Caio Fernando Abreu se apropria do conto *Os sapatinhos vermelhos*, de Hans Christian Andersen, e constrói uma narrativa que nada tem de inocente. Este trabalho tem por objetivo traçar os elementos que (re)compõem o mito de Andersen no texto homônimo de Caio.

PALAVRAS-CHAVE: Caio Fernando Abreu, Intertextualidade, Conto, Fábula.

Seguindo um movimento comum da literatura contemporânea de “apropriação de textos canonizados e/ou cultivados por determinadas práticas e/ou segmentos sociais e culturais” (DIAS, 2008: 103) o escritor brasileiro contemporâneo Caio Fernando Abreu (1948-1996), se apropriando de elementos do conto de Hans Christian Andersen (1805-1875) intitulado *Os sapatinhos vermelhos* (1845), compõe seu texto – homônimo ao de Andersen – presente na coletânea *Os dragões não conhecem o paraíso* (1988). Caio, em sua narrativa, desconstrói o conto de Andersen criando o que o autor chama de “uma versão para adultos [...]. Nunca escrevi nada tão obscuro” (ABREU, 2002: 136), em que a temática da oposição entre libertação e punição representadas pelos sapatinhos recebe uma nova roupagem. Caio dá ao seu texto um caráter de transgressão, de entre-lugar. Ele não escolhe aleatoriamente o conto de Andersen para a sua (re)escrita, Caio escolhe um conto de fadas em que “o sapato e o pé feminino destacam-se como importantes marcas de gênero” (GENS FILHO, 2007: 6), o próprio autor ao justificar sua escolha e explicar a gênese de seu conto afirma “parti do princípio de que ‘Os sapatinhos vermelhos’ é basicamente uma história sobre fantasias sexuais tão duramente reprimidas (O Anjo, a Igreja) que, um dia, podem manifestar-se de forma compulsiva, e até mesmo destrutiva” (ABREU, 1985: 53). Caio reconstrói a narrativa de Andersen dando a ela um sentido psicanalítico sobre sexualidade.

Podemos encontrar no texto de Caio elementos que elaboram claramente a intertextualidade com o conto de Andersen. Destacamos o caráter homonímico do título, a citação de um trecho do original que serve de epígrafe ao conto e, principalmente, a permanência dos sapatinhos como elemento metafórico. Todos esses três elementos fazem referência aos sapatos, o que nos dá a medida do caráter fetichista que estes vão assumir durante a narrativa. Tomando a epígrafe do texto – “- Dançarás - disse o anjo. - Dançarás com teus sapatos vermelhos... Dançarás de porta em porta... Dançarás, dançarás sempre” (ABREU, 1989: 69) – percebemos que a leitura de Caio é voltada para o aspecto de maldição dos sapatinhos. Aqui o autor já faz uma referência ao final do texto, no qual os sapatinhos assumem sua função punitiva. A epígrafe tem também a função de reforçar o caráter de apropriação do texto de Caio e reitera o enfoque na imagem dos sapatos, que na narrativa se torna um símbolo “que lembra a vida, mas como o fogo ou sangue, pode ser visto como destruidor e

purificador de emoções reafirmadas até o fim do conto” (MACHADO, 2006: 45).

Partindo do fim de um relacionamento, a narrativa – dividida em três partes – revela o processo de reconstrução da identidade da personagem protagonista por meio da inserção de um elemento de ruptura: os sapatinhos. Como no conto de Andersen os sapatos inicialmente assumem um caráter de elemento libertador para, mais tarde, assumir sua função punitiva. Esse elemento de punição se apresenta na narrativa de Andersen “tendo em vista o caráter moralizante, função social da fábula” (DIAS, 2004: 63), enquanto em Caio ele serve ao propósito de restringir o sujeito de comportamento sexual que foge aos padrões estabelecidos.

Na primeira parte do conto de Caio temos a protagonista – Adelina – que “evitava cores, saltos, pinturas, decotes, dourados ou qualquer outro detalhe capaz de sequer sugerir sua secreta identidade de mulher-solteira-e-independente-que-tem-um-amante-casado” (ABREU, 1989: 72) lamentando o fim de um relacionamento amoroso quando “foi então que lembrou dos sapatos” (ABREU, op. cit.: 71). Vale salientar que o sapato, da mesma forma que no conto de Andersen, fora dado à protagonista como presente. Nas duas partes seguintes do texto temos o desenvolvimento do percurso do que Caio chamou de uma versão para adultos do conto de Andersen, os sapatinhos assumem então um caráter fetichista e o texto assume um tom ritualístico, teatral para narrar o momento em que a protagonista coloca os sapatinhos, índice da quebra de padrões estabelecidos que ela esta prestes a cometer:

“Desembrulhou, cuidadosa. Uma súbita calma. Quase bailarina em gestos precisos, medidos, elegantes. [...] Resplandeciam nas suas mãos. Quase cedeu ao impulso de calçá-los imediatamente, mas sabia instintiva que teria primeiro de cumprir o ritual. [...] O que faria a seguir seria perfeito, como se encenado e aplaudido milhares de vezes” (ABREU, op. cit.: 72).

Percebemos que os sapatinhos exercem uma atração irresistível em Adelina, da mesma forma que em Karen: “E ela só pensava neles enquanto o padre pôs a mão sobre sua cabeça; [...] Karen pensava somente em seus sapatos vermelhos (ANDERSEN, 1994: 2). Ambas as personagens expõem sua verdadeira persona quando calçam os sapatinhos, e ambas estão ligadas ao conceito cristão de pecado. Karen peca por orgulho, enquanto Adelina peca por luxúria; ambos considerados pecados capitais pela igreja e ambos representados pela cor vermelha.

Se contrapondo a intensa moral de Andersen o texto de Caio desenvolve um roteiro pornô em sua narrativa em que a protagonista “sai em busca de aventuras sexuais numa véspera da Sexta-Feira da Paixão” (DIAS, 2004: 66). A situação do momento do conto numa véspera de Sexta-Feira da Paixão reforça o caráter sacrílego da narrativa. Depois de cumprido todo o ritual para vestir os sapatos ocorre a reconfiguração da identidade da personagem que assume a persona de “Gil-da, ela mentiu retocando o batom. Mas mentia só em parte, [...] porque [...] sempre fui inteiramente Gilda” (ABREU, 1989: 76). Ela percorre então o roteiro da narrativa pornô tecida por Caio em que segue para um bar aonde encontra três homens. Estabelecido o jogo de sedução entre a protagonista e as personagens que se encontram no bar, ela utiliza os sapatos como artifício sedutor: “Foi quando ela levantou a perna, apoiando o pé na borda da cadeira, que todos viram o sapato vermelho” (ABREU, op. cit.: 77), e depois, evidenciando ainda mais seu caráter de fetiche: “Que tirasse tudo, menos os sapatos – os três imploraram no quarto em desordem” (ABREU, op. cit.: 77).

Embora o texto de Caio “[conclua] pela moral inversa à do conto de Andersen” (DIAS, 2004: 70), Adelina, da mesma forma que Karen, não escapa a uma punição. Os

sapatinhos de Adelina, também, são amaldiçoados: “E ao abrir a terceira gaveta do armário para ver o papel de seda azul-clarinho guardando os sapatos, sentia um leve estremecimento. Tentava – tentava mesmo? – não ceder. Mas quase sempre o impulso de calçá-los era mais forte” (ABREU, 1989: 80). Ela não resiste ao apelo de vestir os sapatos e sair pela noite com sua nova persona no que Dias (2004: 76) chama de “existência limitada ao ciclo autodevorador do desejo: busca-satisfação-busca”. Porém esse comportamento moralmente inaceitável não deixa de ser punido. O conto se encerra da seguinte forma: “Só pensou em jogá-los fora quando as varizes começaram a engrossar, escalando as coxas, e o médico então apalpou-a nas virilhas e depois avisou quê” (ABREU, op. cit.: 80). Essa elipse no fim do texto representa a punição de Adelina. Tanto para Karen quanto para Adelina a única forma de se livrar dos sapatinhos é com a mutilação das pernas.

Concluimos que a relação intertextual entre os contos de Caio e de Andersen “se dá mediante a subversão dos valores expressos pela fábula original” (DIAS, 2004: 78). Caio se apropria dos elementos do conto de Andersen para elaborar a sua narrativa em que ele “desconstrói e invalida a moral veiculada pela fábula de Andersen” (DIAS, op. cit.: 78), e constrói uma nova narrativa que “fala do vazio, da solidão e do sujeito que perambula à procura de si mesmo” (SEPÚLVEDA, 2003: 1). O texto de Caio retomando elementos de uma narrativa já estabelecida (re)escreve a sua fábula moderna sobre o sujeito em conflito com a moral imposta pela sociedade.

REFERÊNCIAS

ABREU, Caio Fernando. *Cartas*. MORICONI, Italo (Org.). Rio de Janeiro: Aeroplano, 2002.

_____, Caio Fernando. *Os dragões não conhecem o paraíso*. 2ª edição. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

_____, Caio Fernando. “Os sapatinhos vermelhos”. In: LADEIRA, Julieta de Godoy (Org.). *Espelho Mágico: contos de contos infantis para adultos*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1985.

ANDERSEN, Hans Christian. *Os sapatinhos vermelhos*. **Disponível em:** http://www.4shared.com/file/60606773/b7a0e6cb/sapatinhos_vermelhos.html?s=1. Acesso em 2 de outubro de 2009.

DIAS, Ellen Mariany da Silva. “Os sapatinhos vermelhos em trânsito: da aldeia à metrópole”. In: *Signótica*, Goiânia, v. 16, n. 1, p. 61-80, 2004.

_____, Ellen Mariany da Silva. “Os quatro núcleos/eixos de produção da poética de Caio Fernando Abreu”. In: *Acta Scientiarum - Language and Culture*, v. 30, p. 97-107, 2008.

GENS FILHO, Armando Ferreira. “Botas, casacos, luvas, peruca, sapatos: fetiche e questões de gênero”. In: *Seminário Mulher e Literatura*, 2007, Ilhéus. Mulher e literatura - Gênero, Identidade e Hibridismo Cultural. Ilhéus: Editus, 2007.

MACHADO, Danilo Maciel. *O amor como falta em Caio Fernando Abreu*. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal do Rio Grande, 2006.

SEPÚLVEDA, Lenirce. *Bares, becos e boulevards: trilhas do flâneur pós-moderno*. **Disponível em:**

http://www.geocities.com/ail_br/baresbecoseboulevards.html
Acesso em 4 de junho de 2009.